

COMMERCIO DO MINHO

5.º ANNO 1877

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 601

Assigna-se vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franco de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE

AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 12600 rs.—Semestre 850 rs.—Pr. contias, anno 23000 rs e sendo duas 32600 rs.—Semestre 1400 rs.—Braga, anno 33600 rs.—Semestre 18900 rs. moeda forte ou 85000 reis e 43500 reis moeda fraca.—Anuncio por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento

BRAGA — SABBADO 10 DE FEVEREIRO

O Liberalismo Catholico

I

Como base e como ponto de partida das reflexões, que vamos fazer, assentaremos a seguinte verdade, não só theorica e praticamente demonstrada, mas até reconhecida e confessada por auctoridades insuspeitissimas: *O liberalismo não é mais nem menos do que a Revolução com outro nome.*

A revolução, essa revolta impia e blasfema do homem contra Deus, chamou-se *reforma* no seculo XVI; chamou-se *filosofismo* no seculo XVIII; e hoje chama-se *liberalismo*: sob as tres demonstrações diferentes apparece uma e a mesma empresa, que tem por fim substituir o homem a Deus, e aniquilar o catholicismo e a Igreja.

Ora o liberalismo, n'esta sua lida sacrilega contra a Igreja de Jesus Christo, não conta só como soldados seus os homens abertamente impios, os que professam o atheismo e que votam um odio mortal a todo o principio religioso. Tem tambem a seu serviço um grande numero de individuos que, dizendo-se catholicos, e professando os dogmas da nossa santa religião, admittem todavia muitos dos principios revolucionarios, que estão em contradicção manifesta com as doutrinas da Igreja.

A estes taes se referia o Santo Padre Pio IX quando dizia no seu breve aos francezes: «Nas muitas occasiões em que

temos censurado os sectarios das opiniões liberaes, não tivemos em vista os que odeiam a Igreja, e que seria inutil designar; mas sim aquelles de quem acabamos de fallar, os quaes, conservando o virus occulto dos *principios liberaes*, que beberam com o leite, o inoculam facilmente nos espiritos, e propagam assim a semente d'essas revoluções, que ha tanto tempo abalam o mundo, a pretexto de que não tem malicia, nem é, segundo elles, nocivo á religião»

De maneira que o liberalismo d'estes homens e o dos outros (menos perigosos do que elles) que francamente se declaram fóra do gremio da Igreja, é na essencia o mesmo, e só differe na escolha dos meios, que uns e outros empregam para o sustentar e propagar.

«Para o liberalismo catholico, como para o liberalismo irreligioso (observa mgr. de Segur), a arca santa são essas falsas liberdades, leis e instituições bastardas, mixto de verdades e mentiras, de bem e de mal, que desde 1789 regem, ou antes afogam a França e a Europa.»

É todavia não falta quem, mesmo entre nós os portuguezes, haja lidado no empenho de nos persuadir, que tal *liberalismo catholico* não passa de uma chimeira, empregando para este fim o seguinte especioso arrazoado: «Se o liberalismo consiste no indifferentismo religioso, na negação dos dogmas catholicos, no odio á Igreja, todo aquelle que professa taes doutrinas deixa porisso mesmo de ser catholico, e falsamente será designado pela denominação de catholico-liberal, porque sendo os dous nomes *catholico* e *liberal* simbolos de duas doutrinas contradictorias,

não podem caber no mesmo individuo.»

Mas se tal liberalismo-catholico não existe, como é que o Chefe da Igreja o tem expressamente e repetidas vezes condemnado? Como é que um catholico pôde sem offender gravemente a auctoridade do Pontifice Romano, negar a existencia do liberalismo catholico, dando assim a entender que, tanto o mesmo Papa como tantos outros escriptores distinctissimos, que teem repetido e commentado as suas palavras venerandas, andam todos esgrimindo contra um fantasma ou um moirão de vento?

Aquella apparente contradicção desaparece porém logo que reflectirmos em que pela designação de catholico liberal se entende aquelle individuo, que sem se afastar de todo do gremio do Catholicismo, abraça todavia as theorias revolucionarias, que formam a verdadeira essencia do liberalismo. E' isto mesmo o que está expressamente declarado nas seguintes palavras do immortal Pio IX: «Os que seguem estes principios professam amor e respeito á Igreja, e parece que consagram á defeza d'ella seus talentos e trabalhos; mas nem porisso lidam menos em perverter seu espirito e doutrina; e cada um d'elles, segundo a sua especial inclinação, se põe ao serviço ou de Cesar, ou de quem invente direitos em favor da falsa liberdade.»

E vem aqui a proposito desfazer um equivoco, em que laboram, ou fingem laborar uns certos escriptores. Estabelecem elles uma distincção entre liberalismo *filosofico* ou *theologico* e liberalismo *politico*, e concedendo que o primeiro seja um sistema perverso e justamente condemnado,

declaram o segundo innocente e muito admissivel.

Mas a verdade é que tal distincção realmente não existe. O liberalismo, quer se considere no campo especulativo, nas suas theorias filosoficas e theologicas, quer no campo das suas applicações praticas ao regimen dos Estados, é sempre o mesmo erro, o mesmo inimigo da religião, da Igreja e da sociedade.

A maligna influencia d'este erro pestifero estende-se a tudo—á philosophia, á religião, á politica, á jurisprudencia, á legislação, á educação, á familia.

Ao liberalismo devemos com effeito a moderna *statolatria*, o culto do Deus-Estado, ou melhor—o Estado sem Deus. Todos os codigos modernos, obra do liberalismo, apparecem mais ou menos evadidos do espirito anti-catholico. Affirmamos mesmo, com um distincto escriptor moderno, que onde mais transpira o espirito do liberalismo, ou da revolução, é na ordem governamental. Hoje a perfeição da sciencia *politica* de governo consiste na sua indiferença em materia de religião. Um governo *perfeitamente liberal* não conhece religião; é a secularisação completa do Estado, a eliminação sistemática do elemento religioso de todas as instituições civis, politicas, administrativas e sociaes. O homem está no que é seu. Deus é posto de parte. O Estado não tem religião; é theorica e praticamente atheu!

Depois devemos lembrar-nos de que a primeira manifestação do liberalismo, já no presente seculo, foi sob a fórma *politica*. A revolução acobertou com o especioso nome de *ideias e instituições liberaes* as suas falsas maxims e delete-

8

FOLHETIM

DR. J. M. DE MACEDO.

OS DOIS AMORES

ROMANCE BRAZILEIRO

VOLUME II

IV

A moça e o velho.

O viver da Bella Orfã estava soffrendo notaveis modificações.

Desde que Candido deixára de apparecer no Ceo-côr-de-rosa tornou-se mais constante e profunda a melancolia da moça.

De ordinario escondida no seu quarto Celina comparava seus cortos dias de um amor nascente com aquelles que estava passando de anciedade e de duvida, e consequentemente misturava saudades com lagrimas.

Os pezares d'esta ordem são mil vezes mais fortes e cruéis na mulher, do que no homem: porque a sociedade impõe á mulher o dever de calar, e o homem pôde sem córar desabafar-se contando-os, derramando-os na alma de um amigo: ella portanto concentra a sua dôr, revolve-se n'ella, devora-a em silencio, o que dóe mais certamente.

Succedia isso a Celina: apesar da amizade com que sua tia a tratava, não podia a moça esquecer-se da differença da idade que havia entre ella e Marianna, e porisso, ainda quando pretendesse confiar a algum os seus pezares, não se animaria nunca a escolher a viuva para confidente.

Em resultado a Bella Orfã fugia de

tudo, e de todos para viver com seu segredo, para pensar sómente n'esse amor que tão sem sentir lhe nascera no peito.

Todos os seus antigos e mais preferidos entretenimentos estavam esquecidos: o piano não mais se abria, as musicas descausavam, os livros tinham sido aborrecidos; porque tambem ás vezes a pobresinha, pretendendo vencer-se, tomava um romance, lia uma pagina inteira, e no fim d'ella conhecia que lhe era preciso lêr outra vez, porque sua attenção se distraira: mas a leitura se repetia uma e dez vezes e o resultado era sempre o mesmo: ella lia apenas com os olhos... com o pensamento não podia.

Era melhor não lêr

Um unico de seus antigos costumes conservou intacto: ao romper da aurora elle sempre ao seu jardimzinho colher um botão de rosa..... quem sabe, se elle a observava occulto atraz da janella?...

Era sempre uma esperança... a de ser vista assim tão abatida e tão triste.

Até o velho Rodrigues perdera com as mudanças do viver da bella orfã: as séstas não se renovaram mais: e elle nem ouvia a doce voz de Celina, nem podia acompanhar por ella entoar suas baladas e antigos romances.

Foi indo assim a moça admirada de que ninguem, nem seu avô nem sua tia, dissesse uma só palavra notando a ausencia de Candido, até que chegou a noute do segundo serão da de seus annos.

O moço do purgatorio-trigueiro faltou a esse, como tinha faltado ao primeiro.

A afflicção da Bella Orfã subiu de ponto: ella conheceu que já tinha tantos pezares no coração que poucas eram as lagrimas que derramava em segredo, para esvasial-o; conheceu, que lhe era absolutamente preciso, para ser consolada, fallar a preço mesmo do que soffreria seu pudor de virgem.

Lembrou-se de uma sua amiga.

No fim do serão chamou Mariquinhas de parte e disse-lhe:

—D. Mariquinhas, no ultimo serão vossê me havia dito que teriamos tempo de conversar sobre alguma cousa, em qualquer dos dias que se seguissem...

—Ah! é verdade: respondeu a amiga.

—Então?

—Eu pedirei a meu pae que me deixe vir passar um dia contigo, D. Celina.

—Olha depois d'amanhã é domingo.

—Pois sim.

—Queres que eu pessa a teu pae?...

—Não... elle me estima muito para me negar esse prazer.

—Então eu te espero.

—Depois d'amanhã.

As duas amigas separaram-se.

No dia seguinte, e na hora em que a Bella Orfã tinha por costume ir cantar, e ouvir o velho Rodrigues, estava Celina encerrada em seu quarto e toda entregue a suas meditações.

—E' me preciso fallar, pensava ella: não se pôde viver assim em silencio com a alma cheia de angustias, e condemnada a não soltar um só gemido. Os homens tem o direito de chorar bem alto!.. quando se diz o que se está padecendo parece que o mal abranda um pouco...

Ella pensou alguns instantes e proseguiu:

—Seguramente aquelles que escrevem, os poetas em primeiro lugar, devem achar bastante consolação escrevendo: esses sim não tem necessidade de um seio, onde depositem os seus pensamentos, seus segredos, e suas dôres: elles tem uma amiga fiel e mais condescendente que nenhuma outra na sua penna; quando soffrem, escrevem, dizem o que tem no coração, exaltam-se, eternisam suas penas, suas desgraças, e n'essa mesma eternidade acham um grande linitivo para sua dôr. Um poeta!.. se elle ama, elle o diz nos seus livros, faz do que se passa em sua alma um romance; está dizendo que ama, e a quem ama á face do mundo inteiro, e ninguem comprehende o bello segredo que

está derramado em todas as paginas de seu livro, se não a pessoa que elle quer que comprehenda!... oh!.. se eu fóra poetisa!!!

E proseguiu ainda.

—Um poeta!!! um homem excepcional... o genio tem por força em si alguma cousa de divino: assim como o Oceano é no universo o que poderia dar a ideia do infinito, se a ideia do infinito, se pudesse dar, o poeta arremedaria o poder da divindade, se esse poder chegasse a ser arremedado: porque o poeta cria tambem o seu mundo, o seu universo; levanta palacios, e abre cavernas; desprende as tempestades, e faz bellas auroras... oh!.. se riqueza ha ali tão rica como a imaginação de um poeta!.. oh! se eu fosse poetisa!..

Respirou alguns instantes, e continuou:

—Se eu posse poetisa.. não precisava tanto; se eu pudesse ao menos escrever algumas paginas, que eu mesma não me fatisse, lendo-as, ao chegar ao fim da primeira... oh!.. que felicidade!.. eu havia de pintar o estado do meu coração... exhalar meus tormentos e minhas saudades nas paginas do meu livro... escreveria com lagrimas; porém depois que consolação!.. eu beijaria minh'alma nas minhas lettras, beijaria meus olhos nas minhas lagrimas...

Celina hesitou um momento e depois disse:

—Quem sabe?...

Ficou pensando ainda:

—Não... não... eu não escreveria nada, que merecesse ser lido... iria decorar o quadro, que existe traçado no meu pensamento... mas em summa, ninguem havia de lêr, o que eu escrevesse... era um livro, que depois de acabado, eu lançaria no fogo... oh! se eu pudesse escrever...

Ella tornou a hesitar, e depois disse como da primeira vez:

—Quem sabe?!!

(Cont. úua)

rios principios, para assim poder novamente lançar-os em circulação no meio dos povos iludidos.

«Não vão longe da verdade (diz um douto escriptor) aquelles que affirmam haver o liberalismo nascido nos dias da queda de Napoleão. I quando, restauradas as antigas ordens, o genio da revolução foi constringido a *mular de face e de estilo.*»

«Com o fim de diffundir (escreve outro auctor) e de generalisar o contagio dos principios, que foram a causa principal das revoluções politicas, pelas quaes desde 1789 uma grande parte da Europa se sentira agitada, recorreram, como ultimo refugio, ás ideias liberaes, procurando reproduzir, *debaixo d'este novo nome*, aquelle mesmo sistema, que por suas funestas consequencias se havia tornado tão odioso aos homens honestos.»

Tudo isto quer dizer que as palavras liberalismo, ideias liberaes em sentido politico foram inventadas com o fim de cobrir e mascarar as ideias revolucionarias e maçonicas, tornando-as menos odiosas. D'onde se conclue que é mal cabida toda a distincção entre liberalismo filosofico ou theologico e liberalismo politico emquanto aos seus fins e effeitos; porque, ou se considere sob um ou sob outro ponto de vista, é sempre o mesmo sistema impio, infesto, odioso e justissimamente reprovado.

D. M. S.

(Continúa)

D. João Maria Pereira d'Amaral e Pimentel, por merecê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Bispo d'Angra do Heroismo, e Ilhas dos Açores, do Conselho de Sua Magestade, Comendador da Ordem de Christo, etc.

A todos os nossos amados Diocesanos—
os Dons do Divino Espirito.

Tempus plangendi... a tempus loquendi.

São chegados os tempos de deplorar e de fallar.

(Eccle. III. 4 e 7).

I

Ideia da obra.

[Continuação]

Resta ainda dar a razão da obra, e o seu fim. A obra é uma oração congratulatoria por se têr podido representar com feliz resultado, segundo o sentir do Auctor, um drama intitulado *os Lazaristas*, em que se calunmia atrocemente a Congregação da missão de S. Vicente de Paulo, e n'ella todo o Clero Catholico. E suppondo o Auctor do folheto que todas as pessoas que assistiram ao espectáculo são dos seus sentimentos, e se achão possuidas do mesmo furôr contra os padres, que parece não terem sympathia do com tal representação, nem a ella quizerão concorrer; colloca-se á frente d'esse povo e declara «guerra, guerra de morte ao Jesuitismo, Ultramontanismo, Lazarismo ou Vaticanismo, nomes porque são conhecidas varias seitas da reacção segundo diz. Queremos fulminar os abrutados, que conspiram contra a liberdade, e condemnar aquelles que nos querem ferir nos seios d'alma, e suffocar a consciencia nas suas manifestações. E' necessario fazer «guerra d'exterminio á roupetta», diz um pouco antes; e neste tom prosegue até ao fim: «Guerra a essas viboras, que a sociedade aquece em seu seio. Esmaguemolhas. Va tyrannis», diz n'outra parte.

Para conseguir o seu fim faz votos—que o povo se erga magestoso e solemne, para demolir a Bastilha de reacção, que animada pela thíra do Papei, quer escravizar a humanidade. Siga «o povo o exemplo de 1789», diz o Auctor. Depois dirige as mais tremendas ameaças aos chamados reaccionarios. *Fujam*, diz, «da hora solemne da expiação. Talvez que a noute do remorso não tarde muito. «A liberdade hade ter força para lhes tirar das garras o futuro da familia humana, e para os mergulhar n'um oceano de tódo... A sociedade portugueza começa «a sua obra».

D'este cataclismo de desgraças, que ameaça os reaccionarios, só os pode livrar a resolução de se «amoldarem ás circum-

estancias do Mundo liberal, reservando apenas do passado a recordação historica». Diz-se alli que a condemnação se não estende a toda a classe ecclesiastica individualmente; mas Nós cremos que sim; porque não podemos suppor que haja Ecclesiastico, ao menos n'esta Nossa Diocese, que partilhe as ideias expendidas no folheto; e se desgraçadamente o houvesse, por si mesmo se teria separado da classe ecclesiastica, passado ao campo dos inimigos da Igreja.

Resta ainda saber quaes são os motivos de tão entranhado odio: Além d'essas arguições genericas, tão calumniosas e absurdas, que não carecem de refutação; porque a historia, os fastos da humanidade inteira, até mesmo os catholicos, contra ellas se revoltão; quatro são as accusações particulares que se fazem ao Clero d'esta Diocese: O não ter sympathisado com o drama intitulado *os Lazaristas*; prégar nos pulpitos; confessar nos confessionarios; e não seguir a verdadeira doutrina de Christo. Vejamos se o Clero é ou não n'isso culpado.

II

Refutações das accusações.

1.^a O drama de que se trata, tem por fim ridicularisar, infamar e tornar odiosos os Padres da Congregação da missão de S. Vicente de Paulo, imputando-se-lhes factos calumniosos, que nunca existiram; porque era uma das ordens religiosas, que conservaram sempre pura a sua disciplina, como Nós mesmo podemos attestar.

Ora, a nossa Santa Religião prohibe expressamente murmurar, ou fallar nos defeitos alheios, ainda mesmo em particular e quando os factos são verdadeiros: «*Não falleis mal uns dos outros*, diz o Apostolo Sant'Iago (1)». E o nosso proprio Codigo penal castiga aquelles que diffamão alguém publicamente de qualquer modo que seja, ainda que se possam provar como verdadeiras as faltas imputadas. Como poderia pois o Clero sympathisar com um acto peccaminoso aos olhos da Religião, e criminoso na sancção das Leis?!

E não é só isto. O acto não é só diffamatorio, é altamente calumnioso; porque se imputão á Congregação da missão factos, que nunca existiram, e no entanto se dão como provados, para se excitarem os animos contra todo o Clero, que se dá como cúmplice na fabula que se apresenta como verdadeira. E a calumnia é gravissimo peccado, prohibido expressamente pelo oitavo mandamento do Decalogo: «*Não levantarás falsos testemunhos* (2)».

E não é só calumnioso, mas altamente injurioso; tanto á associação que n'elle figura, como á Igreja Catholica, que approvou, e conserva a mesma Congregação. Injuriosa pelos factos arguidos, mais ainda pela sua publicidade ou antes solemnidade; ainda mais pelo fim de provocar o desprezo e irrisão publica; e muito mais por envolver n'este desprezo e irrisão a Igreja Catholica, o que é visivelmente o fim do drama. Contra actos d'estes protesta o nosso Codigo penal, impondo-lhes graves penas, e o nosso adoravel Redemptor declara (3): *que aquelle que injuria seu irmão, é réo das penas do inferno*. E quer-se que o Clero catholico sympathise com tal acto!

A sua fealdade, porem não pára ainda aqui. A injuria é feita directamente a uma Associação, na qual, ainda que houvesse alguns membros com defeitos, muitos certamente ha que não são dignos de censura, e todos alli são medidos pela mesma medida; ora—é uma infamia imputar a alguém defeitos alheios. Além d'isto, a Congregação da missão não existe ha mais de 40 annos entre nós; nem provou directa, nem indirectamente, tal demonstração; e insultar os que não existem, e os que não podem justificar-se será cousa mais facil, mas não é generoso, não é cavalheiresco; pelo contrario é uma villania.

Eis-aqui os motivos porque o Clero não pode sympathisar com tal acto; pois para isso precisaria renegar da lei de Deus e das leis do Paiz, diffamar-se a si mesmo, contrariar a sua missão, renunciar á sua propria dignidade, e passar-se aos arraiaes dos seus implaveis inimigos. E isso é moralmente impossivel.

(1) E. Cath. IV. 11.

(2) Deut. V. 20.

(3) Math. V. 22.

Figure qualquer pessoa que um seu inimigo capital, tendo á sua disposição um theatro, tinha ideado um drama, no qual assacava os maiores crimes a essa pessoa, com o fim de a expor á irrisão e execração publica, e que se lhe imputava ainda como grave crime o não sympathisar com tal representação, e o não ter ido tomar parte na sua propria exautoração. Pois eis-aqui o crime do Clero!

2.^a—O segundo crime imputado é prégar nos pulpitos em opposição ás ideias e principios do Auctor do folheto: «*Acceitem o principio de liberdade do pensamento*. Confessem o direito sagrado e inviolavel da consciencia, venham para o nosso campo. Mantenham-se nos limites da lei, que é garantida a ampla e livre discussão de quaesquer principios. Quando quizerem discutir, desçam do pulpito que a Igreja não é logar azado «a discussões», diz o Auctor do opusculo.

Por estas palavras se vê que não conhece o magisterio da Igreja Catholica; que se considera superior a ella, e em melhor posição, convidando os ministros da Religião a irem para o seu campo, e quando não vão logo apenas lhes concede que combatam no mesmo plano e com as mesmas armas, descendo do pulpito.

Confrange-se o coração, caros Irmãos e Filhos no Senhor, ao lêr taes discursos, que indicão a maior ignorancia dos primeiros rudimentos de doutrina Catholica, ou a mais horrivel apostasia d'esta Religião santa, unica capaz de fazer a nossa felicidade n'esta vida e na futura.

(Continúa)

GAZETILHA

Quarenta Horas.—Começa amanhã no Carmo a Indulgencia das Quarenta Horas, com exposição e sermão de tarde, e continúa nos dois dias seguintes.

Procissão de Cinza.—Se o tempo continuar bellissimo, como tem estado, a procissão de Cinza será este anno uma das mais imponentes que se hajam feito em Braga, para o que o Definitorio da Veneravel Ordem Terceira não poupa esforços.

Por esta occasião lembraremos ao snr. Director do Caminho de ferro do Minho, que nos parece que seria de muita conveniencia para o publico e para o estado, que na quarta-feira de Cinza houvesse comboio especial para as pessoas que do Porto viessem assistir á procissão, o qual partisse ás 6 horas da tarde; bem como outro, partindo tambem ás mesmas horas, para a estação de S. Bento.

Lembramos tambem a conveniencia de serem directas a Braga as corridas dos comboios que saem da estação de S. Bento, assim como no dia 23 do mez corrente, no qual se faz a procissão de Passos em Barcellos.

Imposição do Sacro Pallio.—Celebrou-se no dia 6, na igreja do Sacramento, em Lisboa, a imposição do Sacro Pallio a s. ex.^{ma} revd.^{ma}, o snr. arcebispo D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa.

Foi celebrante o snr. bispo de Bragança, e assistiram a esta cerimonia muitas pessoas de diversas categorias, entre ellas os snrs. duques de Saldanha—filhos.

Fallecimento.—Por 2 horas da tarde d'ante-hontem entregou a alma ao creador a ex.^{ma} sr.^a viscondessa da Torre, caracter nobilissimo e digno do respeito e veneração que todos lhe tributavam.

Tem hoje officios no templo de S. Vicente, antes de ser conduzida para a sua ultima morada.

Damos sentidos pesames ao ex.^{mo} snr. visconde da Torre, e aos leitores pedimos um P. N. pela alma da nobre finada.

Porte d'armas defesas.—Mais uma vez chamamos a attenção do ex.^{mo} snr. administrador do concelho para o modo desaforado por que é desacatada a lei, no tocante ao porte d'armas defesas.

N'um dos dias da semana passada, um individuo que passava pela estrada do Porto esteve para ser victima d'um tiro disparado por um rapasello, que n'um dos campos marginaes andava a divertir-se com a passarada.

E' um abuso intoleravel que está reclamando promptas providencias.

Bailes de mascarar.—Amanhã, segunda e terça-feira, ha grandes bailes de mascarar no theatro de S. Geraldo.

Circo equestre.—A companhia dos snrs. Arcens e Leandro funciona hoje á noite e amanhã de tarde na cêrca dos Congregados.

Começará hoje o espectáculo ás 7 1/2 da noite, e amanhã ás 3 horas da tarde. Esta companhia é muito digna da protecção do publico.

Enlace.—Na tarde de quarta-feira casou o ex.^{mo} snr. Sebastião Pereira, irmão do snr. conde de Bertiandos, com sua prima a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Eugenia Telles da Silva, filha do ex.^{mo} snr. Luiz Telles da Silva, e neta do snr. marquez de Panalva.

A cerimonia realisou-se em Lisboa, na capella do snr. marquez de Penalva, sendo padrinhos este cavalheiro e o snr. conde de Bertiandos.

Incendio.—Arderam ante-hontem de tarde duas moradas de casas, situadas no local de Guadalupe, pertencentes ao snr. coronel Talaia.

Baile.—Houve em a noite de quarta-feira baile na casa da Assembleia Bracarense.

Compareceram 41 damas, algumas das quaes bellamente vestidas.

Consta-nos que a direcção convidou novamente os seus associados para um outro baile, que deve ter logar hoje.

Um livrinho excellento.—A benemerita *Livraria Portuense*, que tão magnificas obras tem editado, acaba de prestar mais um valioso serviço dando á estampa o livrinho *A alma piedosa na Eschola de S. José—Com meditações preparatorias para a festa do Santo*.

A' cerca d'esta obrinha, escripta pelo padre Saint-Pulgent e traduzida pelo indefesso escriptor catholico, o snr. A. Moreira Bello, com rasão diz o trauctor, que se foi sempre opportuno, em vista da ardente e geral devoção dos fieis a S. José, um livro perfumado de piedade que celebrasse todas as grandezas, todas as excellencias, todas as glorias, todos os privilegios do excelso Patriarcha, muito mais o é hoje que, por effeito da sua exaltação ás sublimes funcções de Padroeiro da Igreja Catholica, adquiriu novo incremento aquella terna devoção, se é possível; hoje, que atravessando a mesma Igreja um tempo de afflicção como poucos é necessario implorar para ella todo o patrocínio celeste.

Esta edicção é approvada pelo snr. bispo do Porto e recommendada por autoridades respeitabilissimas.

Acha-se á venda, pelo preço de 300 reis, na Livraria Portuense, rua do Alameda, n.º 123, do Porto.

Lausperenne no Paço.—Este anno será o Sagrado Lausperenne na forma do antigo costume da Capella do Paço Archiepiscopal.

Será feito pelos collegias do seminario de S. Pedro e estudantes do terceiro anno do curso superior do mesmo seminario e collegias de S. Caetano.

Haverá pela manhã as missas da exposição na sexta-feira, da Pax sabbado, e da reparação no domingo cantadas a canto-chão figurado, e a coros, e n'este ultimo dia haverá na forma do costume antes da missa a *Tercia* cantada.

De tarde cantar-se-hão matinas do SS. Sacramento.

O Ceremonial será todo segundo o Rito Bracarense, porisso que é festa do Prelado.

Negocios ecclesiasticos.—O «*Diario do Governo*», n.º 27, de 5 de feveiro, publica o seguinte:

Aviso, abrindo concurso por provas publicas para provimento das igrejas de Santa Margarida da Fundada, concelho de Villa de Rey, S. Pedro de Daião, do concelho de Vianna do Castello e S. Pedro Fins da Parada, do concelho de Coura.

Decretos apresentando nas igrejas de Santa Maria de Melres João Gonçalves Moreira dos Santos, e na de S. Vicente de Louredo José Joaquim da Silva Valente: provendo na thesouraria na igreja de S. João Baptista de Santa Cruz, de Coimbra, Abilio Adolpho Guerra Osorio.

Declarando sem effeito a apresentação de Manoel Antonio Monteiro na igreja de S. João Baptista de Paramio.

Os primeiros theatres.—O primeiro theatro de pedra foi construido por Pompeio no anno 699 de Roma, 50 annos antes do nascimento de Christo.

Havia 200 annos que as comedias eram conhecidas, mas não se representavam em edificios feitos expressamente para esse fim, mas n'um logar em que o palco do theatro era franco aos admiradores, geralmente praças publicas.

Plauto, o criador da comedia latina, já escreveu tres seculos antes da era christã, e Terencio, cujas comedias não eram menos estimadas, ainda que carecessem do estylo e elegancia das d'este, nasceu 192 annos antes de Jesus Christo.

Augusto Larcelle mandou edificar o segundo theatro no anno 743 de Roma, cuja inauguração teve logar no mesmo anno que a do terceiro edificado por Balbo.

O theatro de Pompeo podia conter 40:000 pessoas sentadas commodamente.

Os de Marcello e Balbo só tinham logar para 30:000; porem todos tres eram da maior magnificencia.

A aflicção ao theatro entre os romanos chegou a ser tamanha, que em pouco tempo eram insufficientes os tres referidos, e foi indispensavel levantar grandes edificios de madeira para receber os dilletanti romanos. Augusto era muito aficcionado ao theatro, chegando até a escrever pantomimas.

Foi elle, segundo affirmam escriptores d'aquellas épocas, o inventor dos jogos augustos, e escreveu regulamentos para o theatro, fazendo-os rigorosamente cumprir. Entre os seus decretos merecem citar-se os seguintes:

«O publico poderá assobiar aos actores».

«Os actores não teem direito a mostrarem-se offendidos por este genero de demonstração».

Um actor que ameaçou com um dedo um espectador que o pateava foi desterrado da Italia.

A liberdade de imprensa em Hespanha.—Em 1874 foram multados os seguintes periodicos:

O «Progresso» com 1 multa; o «Diario Hespanhol» com 6; o «Governo», com 3; «A Correspondencia d'Hespanha», com 6; a «Epoca», com 11; a «Propaganda Scientifica», com 1; o «Echo d'Hespanha», com 4; o «Porvira», com 1; a «Ordem», com 3; a «Politica», com 5; o «Tempo», com 9; o «Consultor dos Parochos», com 1; a «Discussão», com 4; a «Igualdade», com 7; a «Bandeira Hespanhola», com 8; a «Hespanha Catholica», com 2; o «Imparcial», com 3; o «Popular», com 2; o «Povo», com 2; a «Iberia», com 1; a «Imprensa», com 1 e o «Seculo Medico», com 1.

Foram suprimidos, no mesmo anno: A «Ordem», a «Discussão», a «Igualdade», o «Correio Militar», a «Reconquista», o «Pensamento Hespanol», a «Regeneração», o «Condemnado», a «Tormenta», a «Justiça Popular», a «Federação Universal», o «Reformista», o «Combate Intransigente», o «Federalista Nacional», a «Revista do Atheneu Militar», e a «Honradez».

EXPEDIENTE

DA

ADMINISTRAÇÃO.

Não abaixo publicados os nomes d'aquelles nossos assignantes que tão cavalheirosamente nos teem coadjuvado, dignando-se enviar-nos o importe das suas assignaturas. A todos os nossos cordeaes agradecimentos.

Pedimos aos que ainda se acham em debito o favor de saldarem contas com a administração d'este jornal; e aos que não queiram cumprir esse dever, rogamos, que ao menos nos devolvam os jornaes, indicando por qualquer modo aquelle proposito.

Eis-aqui os nomes dos cavalheiros que teem pago a assignatura:

Chaves.—Rev.º abbade de Rebordello, até 31 de dezembro de 1876.

Barca.—Manoel José Esteves, até 31 de dezembro de 1876.

Lisboa.—Manoel Pereira, até 19 de setembro de 1877.

Vianna.—José Antonio Martins, até 25 de novembro de 1877.

Guarda.—Padre Joaquim Fernandes, até 28 de fevereiro de 1877.

Santa Martha de Penaguão.—Romão do Espirito Santo, até 31 de janeiro de 1877.

Chaves.—Padre Rodrigo de Campos Sanches, até 31 de dezembro de 1876.

Lanhoso.—José Augusto Pereira de Castro, até 28 de novembro de 1876.

Coura.—Padre José Maria de Barboza, até 31 de dezembro de 1876.

Cabeceiras.—José Antonio Teixeira Coelho, até 19 de março de 1877.

Villa Real.—José Xavier Teixeira de Barros, até 31 de dezembro de 1876.

Chaves.—Padre Antonio Gonçalves Amaro, até 31 de dezembro de 1876.

Povoa do Varzim.—Fr. Sebastião de S. Luiz, até 31 de dezembro de 1877.

Prado.—Padre Narcizo Santarem, até 9 de fevereiro de 1877.

Coimbra.—José Diniz Simões, até 6 de maio de 1877.

Amares.—Rev.º abbade de Ferreiros, até 31 de dezembro de 1876.

—Ex.º administrador do concelho, até 31 de dezembro de 1876.

Vieira.—Bernardo Xavier Vieira Azevedo, até 19 de novembro de 1876.

Barcellos.—Rev.º reitor de S. Bento, até 31 de dezembro de 1876.

Prado.—Antonio J. R. Moreira, até 31 de dezembro de 1876.

—Padre J. J. da Silva Bacellar, até 31 de dezembro de 1876.

Valença.—Padre Alexandre José Fernandes, até 17 de abril de 1877.

Vianna.—Rev.º abbade de Capareiros, até 31 de dezembro de 1876.

Pico.—Padre J. Feliciano de Souza Machado, até 31 de dezembro de 1876.

Mondim de Basto.—Rev.º abbade de Bilhó, até 21 de dezembro de 1877.

Celorigo.—José Antonio da Cunha, até 30 de junho de 1877.

—José Joaquim da Fonseca e Silva, até 15 de outubro de 1877.

Aveiro.—Dr. Calisto José Simões, até 31 de dezembro de 1876.

Arcos.—Padre Antonio Luiz de Sequeira, até 15 de julho de 1877.

Villa Verde.—Rev.º abbade de Barbude, até 30 de junho de 1877.

Ovar.—Antonio Thomaz Valente, até 19 de março de 1877.

—Antonio d'Oliveira Martins, até 19 de março de 1877.

Estarreja.—Manoel Soares Pinheiro da Silva, até 19 de abril de 1877.

Visella.—Rev.º abbade de S. João, até 31 de dezembro de 1876.

Evora.—Beneficiado J. J. M. de Rezende, até 31 de dezembro de 1877.

Obidos.—José Theodoro Correia Batalha, até 31 de dezembro de 1877.

Ferreira.—José G. L. Sobrinho, até 30 de junho de 1877.

Trancozo.—Antonio José de Abrunhoza, até 31 de dezembro de 1876.

Penafiel.—Manoel Antonio Peixoto de Miranda, até 31 de dezembro de 1876.

Prado.—Rev.º parochos de Moure, até 31 de dezembro de 1876.

Torres Vedras.—José F. A. Carvalhoza, até 31 de dezembro de 1876.

Villa Verde.—Gaspar Pereira Pinto e Mello, até 31 de dezembro de 1876.

Funchal.—José Fernandes Jardim, até 31 de dezembro de 1879.

Famalicão.—Padre Antonio de Souza Macedo, até 30 de junho de 1877.

Rossas.—Antonio Pereira dos Santos, até 31 de dezembro de 1876.

Mondim de Basto.—Rev.º abbade J. J. Costa Leite, até 31 de janeiro de 1877.

Penedo.—Padre Antonio B. G. Campos, até 30 de novembro de 1876.

Esposende.—Rev.º abbade de Palmira de Faro, até 31 de dezembro de 1876.

Régua.—Bernardo Antonio Pinto, até 31 de março de 1877.

Melgaço.—Padre Antonio Joaquim Soares Calheiros, até 15 de março de 1877.

Prado.—Rev.º Arcipreste de Villa Verde, até 31 de agosto de 1877.

Felgueiras.—Padre Antonio Dias Pereira Ribeiro, até 31 de dezembro de 1877.

Fafe.—D. Maria Amalia, até 31 de dezembro de 1877.

Caminha.—Dr. Fetal Carneiro, até 31 de dezembro de 1877.

Ovar.—Padre Francisco Dias, até 31 de dezembro de 1877.

Cabeceiras.—José M. C. Souza Junior, até 19 de julho de 1877.

Arcos.—Padre Antonio Luiz da Costa Pedroza, até 31 de dezembro de 1876.

Coura.—João Manoel Azevedo Poço, até 19 de setembro de 1877.

Carrizado de Monte-negro.—Padre Anastacio Mendes Saraiva, até 31 de março de 1877.

Pico.—Rev.º reitor de S. Christovão, até 31 de dezembro de 1876.

Chaves.—Padre Rodrigo Gonçalves Barroso, até 15 de julho de 1877.

Coura.—Dr. J. J. Dantas Bacellar, até 31 de dezembro de 1877.

Lagos.—Rev.º parochos de Bensafrim, até 31 de dezembro de 1876.

Barcellos.—Padre Manoel José da Silva Mattos, até 31 de dezembro de 1877.

Villa Real.—Rev.º reitor de Andrães, até 30 de junho de 1877.

Faro.—Rev.º vice-reitor do seminário, até 31 de dezembro de 1877.

Vianna.—Padre Bernardo Peixoto Novo, até 31 de dezembro de 1876.

Guimarães.—Padre Antonio José Torrinhas Machado, até 30 de junho de 1877.

Rio de Janeiro.—Bento Manoel de Carvalho, até 23 de julho de 1877.

Necessidades.—Rev.º parochos de Rio Tinto, até 31 de dezembro de 1877.

Vieira.—Francisco José Fernandes, até 30 de janeiro de 1877.

Terras de Bouo.—Domingos Xavier Carneiro d'Aguiar, até 31 de dezembro de 1876.

Bragança.—Rev.º abbade de Baçal, até 15 de outubro de 1876.

Villa Real de Santo Antonio.—J. S. F. V. Lobo e Aguiar, até 30 de junho de 1877.

Carrizada d'Anciães.—Padre Evaristo Antonio de Moraes, até 30 d'abril de 1876.

Santa Martha de Bouro.—Rev.º parochos de Saramil, até 31 de maio de 1877.

Penedo.—Felizardo B. de Campos, até 30 de junho de 1877.

Freixo de Espada-a Ciuta.—Padre José Antonio Marcos Cordeiro, até 30 de janeiro de 1877.

Esposende.—Padre José Antonio de Sá, até 31 de dezembro de 1876.

Rossas.—Rev.º abbade, até 31 de dezembro de 1876.

Arcos.—Rev.º abbade de S. Paio de Jolda, até 30 de dezembro de 1876.

Prado.—Padre José Luiz Ferreira, até 15 de julho de 1876.

Penella.—José Manoel Rodrigues, até 31 de dezembro de 1876.

Ponte do Lima.—Antonio José de Magalhães, até 30 de maio de 1877.

Famalicão.—Rev.º Zeferino Machado Borges d'Azevedo, até 30 de novembro de 1876.

Lanhoso.—Antonio Joaquim da Cruz, até 30 de junho de 1877.

Os nossos assignantes das Ilhas Adjacentes, podem pagar suas assignaturas ao nosso correspondente em S. Miguel, o sr. Albino Augusto Pessoa.

Lisboa, o sr. Alfredo Valladim.

Covilhã, o sr. Luiz Antonio de Carvalho

Porto, o sr. Carlos das Neves & Sobrinhos—rua das Flores.

Vianna do Castello, o sr. Francisco José d'Araujo Junior.

Guimarães, o sr. José Antonio Teixeira de Freitas—Livraria Internacional, a S. Damaso.

NECROLOGIA

A sentida e prematura morte de minha muito prezada prima, D. Maria José da Conceição, de Nossa Senhora do Porto d'Ave.

Na manhã do dia 5 do corrente exhalou o ultimo alento, para sua alma voar á presença do Eterno, D. Maria José da Conceição.

Luctando ha bastante tempo contra o duro soffrimento que lhe minava a existencia, procurando, por todos os meios possiveis, allivio para as dores que a torturavam, a morte inexoravel, que não respeita virtudes, veio cortar o fio d'aquella existencia preciosa.

Os disvellos do seu extremo irmão, e meu muito estimado primo, o rev.º capellão de Nossa Senhora do Porto d'Ave, e os recursos da sciencia não tiveram poder bastante para combater o mal, que de dia para dia ia minando a vida aquella que hoje dorme o sono dos justos.

Carvemos-nos aos designios do Altissimo.

Depois de pomposos officios, que se cantaram por sua alma no real santuario do Porto d'Ave, no dia 6 do corrente, aonde concorreu grande numero de ecclesiasticos e seculares, tomando parte neste religioso acto tambem alguns ecclesiasticos e seculares, que de Braga foram prestar á finada a sua ultima homenagem, se deram seus restos mortaes á sepultura.

Ajoelhemos, pois, deante da cruz que encima a sua louza sepulchral, e vertamos ali as lagrimas da mais viva saudade, que serão lenitivo á nossa dor em lance tão amargurado.

Braga, 9 de fevereiro de 1877.

B. J. Cruz.

SECÇÃO DE COMMUNICADOS

Snr. redactor.

No dia 3 do corrente, pelas 11 horas da noite, estouraram algumas duzias de foguetes no adro da igreja de S. Paio de Merelim. E' um abuso antigo nesta terra o lançar fogo sem consentimento da auctoridade.

O caso é que no dia seguinte cada qual dizia o que lhe parecia.

Uns diziam que tinha cahido o ministerio; outros que não tinha passado a lei acerca do Banco de Portugal; outros, finalmente, que foi porque a minha humilde pessoa deixou de ser regedor substituto, cargo de que ha muito pedi a minha exoneração,—que até hoje ainda não recebi, constando estar outro individuo nomeado para o mesmo,—muitos dias antes do celebre foguetorio, de que não sei, nem me importa quem fosse o fogueteiro. Aqui ninguem estranha o ouvir foguetes, pois até já um sujeito lançou fogo por lhe nascerem muitos canarios.

Folguem, pois, os amantes de Bacho com a demissão que eu pedi, que eu tambem folgo por os deixar em berraria nas tavernas.

Pela inserção d'estas linhas lhe ficará muito obrigado o

De v. etc.

Domingos da Silva S. Gens.

BANCO MERCANTIL DE BRAGA

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Resumo do activo e passivo d'este Banco em 31 de janeiro de 1877.

Activo	
Caixa	36:906\$756
Letras descontadas, tomadas e a receber	172:199\$498
Emprestimos sob penhores	196:422\$475
Creditos com caução	111:346\$883
Operações a longo prazo, com hypotheca	17:480\$091
Agencias no Reino e Ilhas —em metal	33:005\$272
Agencias no estrangeiro	4:595\$247
Devedores no paiz	9:277\$982
Acções de conta propria	95:555\$000
Valores fluctuantes	58:562\$090
Effeitos depositados	22:400\$000
Despezas d'installação	4:400\$000
Movéis e utensilios	1:537\$840
Gastos geraes e commissões	606\$983
Liquidações	1:340\$993
	<hr/>
	765:643\$047

Passivo	
Capital	600:000\$000
Fundo de reserva	2:509\$127
Imposto sobre dividendo	2:327\$165
Depositos a prazo	107:403\$171
» á ordem	12:238\$730
Letras em deposito	766\$200
Credores d'effeitos depositados	22:400\$000
Credores no paiz	6:132\$809
Agencias no Reino	36\$330
Dividendos por pagar	9:630\$300
Lucros e perdas	2:199\$215
	<hr/>
	765:643\$047

Braga 31 de Janeiro de 1877.

Os Directores,

José Antonio Rebello da Silva.
José Joaquim Lopes Cardoso.

BANCO DA COVILHA.

Balanço em 31 de Janeiro de 1877.

Activo	
Accionistas	1:500\$000
Letras descontadas e a receber	382:147\$326
Effeitos depositados	12:000\$000
Caixa	23:874\$227
Agencias no paiz	26:057\$226
Ditas no estrangeiro	13:061\$302
Emprestimos s. penhores	163:644\$815
Ditos em c. c. com caução	251:522\$927
Devedores e credores	101\$640
Devedores geraes	13:217\$329

Papeis de credito 7:600\$310
 Mobilia e utensilios 1:937\$159
 Despezas d'installação 2:658\$815
 Contas interinas 37\$228

899:335\$504

Passivo

Capital 750:000\$000
 Fundo de reserva 4:777\$265
 Fundo para o edificio do Banco 500\$000
 Devidendos a pagar 24:133\$600
 Depositos á ordem 12:380\$913
 Ditos a praso 90:898\$740
 Credores d'effeitos depositados 12:000\$000
 Ganhos e perdas 4:624\$986

899:335\$504

Covilhã 31 de Janeiro de 1877.

Os Directores

A. Baptista A. Leitão.
 J. d'Amorim Vaz de Carvalho.

AGRADECIMENTOS

João José da Silva Braga, serve-se d'este meio para consignar o seu agradecimento a todos os seus amigos que lhe prestaram serviços por occasião do fallecimento de sua unica e jámais esquecida filha Julia; bem como ás pessoas que a acompanharam ao cemiterio. Pede desculpa de se não desempenhar d'este doloroso dever, pessoalmente, em rasão do seu incommodo de saúde.

ANNUNCIOS

COMPETITARIA HISPANOLA

Justo Pedrayes, rua das Aguas n.º 80, tem a honra de annunciar ao publico, um variado sortimento de **Doce** de todas as qualidades e preços, tanto nacionaes, como estrangeiros, desde o mais baixo preço até o mais superior.

Encarrega-se de fazer toda a qualidade de pasteis, que lhe encomendem, como são: de ostras, xila, cidrão, e amendoas.

Rebuçados de avenca, e os afamados de ovos do estilo de Lisboa e Porto; caramellos premiados na exposição do Porto de 1861.

Fabrica toda a qualidade de licôres francezes; enfeita taboleiros de doce com todo o luxo e acieio, com figuras ou sem ellas; queques bordados, etc.

Cobre amendoa de chocolate, torradas de limão, canella e pinhão.

Satisfaz qualquer encomenda para baile ou assembleia, sem outro qualquer competidor, em preço e qualidade. (95)

MASCARAS

E

DOMINO'S DE SETIM, NOVOS

Alugam-se em Braga, Largo do Barão de S. Martinho, n.º 27. (86)

ORATORIO

Vende-se um oratorio em fórma de capella, representando um passo com o respectivo figurado, e a Imagem do Senhor dos Passos. Para tratar, na rua Nova de Sousa, n.º 20, casa de moveis. (91)

VENDA DE CASAS

Vende-se 4 moradas de casas com quintal e agua, sitas na rua de D. Pedro V, sendo n.º 76, 77, 85 e 86. Tracta-se no largo dos Penedos, n.º 1. (65)

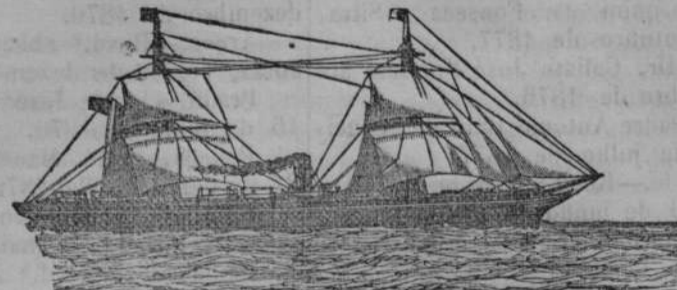
OBJECTO D'OURO

Quem achasse um brinco d'ouro e o queira restituir, pode entregal-o no escriptorio d'este jornal, e receberá alviçaras. (92)

Farmacia de HOGG, 2, rue de Castiglione, Paris (Unico proprietario).
OLEO DE BACALAO DE HOGG
 Prescripto por todos os medicos e empregado com o mayor successo contra: as enfermidades do peito, affeições escrofulosas, tosses chronicas, reumatismos, magreza erlanças, das impigemes, fluxos brancos, debilidadade geral, etc. etc. Agradavel e facil de tomar.—Desconfiar das falsificações.
 Exigir-se-ha a marca da Fabrica junto que encobre a capsula de cada frasco de feitto triangular, e a firma HOGG e Cia, que devera achar-se sobre o rotulo.
 Depositos nas principaes Pharmacias e em Lisboa, nas casas de BARRETO, rua do Loreto, 28 e 30. AZEVEDO e Filhos, BARRAL e IRMAO; em Porto, nas casas de ALBANO ABILIO ANDRADE, SOUZA FERREIRA e IRMAO, JOSÉ PINTO; em Coimbra, Salvador FERRAZ.

Em 13  Em 28

MALA REAL INGLEZA
 (INCORPORADA POR CARTA REAL)



LINHA QUINZENAL DE PAQUETES A VAPOR

Para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres

Acceptando tambem passageiros de 3.ª classe para SANTOS e RIO GRANDE DO SUL com trasbordo no Rio de Janeiro

PAQUETES A SAIR DE LISBOA

ELBE	13 de Fevereiro	GUADIANA	28 de Março
MINHO	28 de Fevereiro	NEVA	13 de Abril
TAGUS	13 de Março	MONDEGO	28 de Abril

PREÇOS COMMODOS

Cada paquete d'esta companhia leva a bordo criados e cozinheiros portuguezes para commodidade dos passageiros de todas as classes.

Sendo as passagens pagas na Agencia Central no Porto ou em qualquer Agencia provincial, a condução para Lisboa e por conta da Companhia.

A bordo os passageiros teem gratis cama, roupa de cama, comida feita por cozinheiros portuguezes, vinho duas vezes por dia, assistencia medica, serviço de criados e outras despesas.

A EXPERIENCIA de mais de um quarto de seculo tem feito com que os paquetes d'esta companhia (a mais antiga na carreira do Brazil) sejam conhecidos pela regularidade, velocidade e segurança excepcional; além d'isso pela limpeza, boa ordem, bom tratamento e accomodações a bordo, e pelos melhoramentos mais modernos tanto para a hygiene como para a commodidade dos passageiros.

ISTO É COMPROVADO pela grande concorrência que teem de passageiros e pelos agradecimentos de mais de mil e cem passageiros d'entre elles feitos por escripta como consta de documentos archivados em varias agencias.

SÃO ESTES OS PAQUETES preferidos pelo Governo Inglez para a condução das suas malas do correio, e por este serviço recebe a companhia um importante subsidio.

TIVERAM ESTES PAQUETES a honra de conduzir Suas Magestades o Imperador e Imperatriz do Brazil, como tambem S. A. o Infante D. Augusto.

TODAS AS INFO-MAÇÕES e bilhetes de passagem podem ser obtidos no PORTO na AGENCIA CENTRAL, rua dos Inglezes, 23, do agente GUILHERME C. TAIT; e nas provincias nas agencias e correspondencias estabelecidas em todas as principaes cidades e villas. Agente em Braga o sr. João Manoel da Silva Guimarães, rua do Souto.

FLUIDE IATIF DE JONES

Por suas propriedades beneficas, goza este producto de alta e merecida reputação. Suave e amavel a pelle, allivia as irritações causadas pelas mudanças de clima, pelos banhos do mar, impressões desagradaveis do vento ou do calor, etc, etc. Uma simples applicação faz desaparecer as rachaduras das mãos e dos heijos. Preço 650 reis.

PARA OS CUIDADOS DO TOUCADOR

É muito digno de ser recommendado o Sabão Iatif, que possui todas as propriedades suavizantes do Fluide, e um aroma delicadissimo. Preço 500 r.

23, Boulevard des Capucines, Paris, De Frente da entrada do Grand-Hotel.

Fabricante de Escovas Inglezas Perfumaria, Loja de papel, Objectos de Fantasia, Estojos diversos, Cutilaria, Artigos de Luxo, Luvas, etc.

Deposito em Lisboa, sr. Barreto, Lorêto n.º 28-30 (26*)

DOCE

Nos baixos do Hotel Real, na rua de S. João do Souto, vende-se doce fino e de chá. Satisfaz-se com promptidão qualquer encomenda. Preços razoaveis.

DINHEIRO A JURO

A Meza da Irmandade de S. Vicente da cidade de Braga, faz constar que tem dinheiro para mutuar a juro de 5 por 100 livres, sobre hypotheca. (4481)

DECLARAÇÃO

Joanna Adelaide Marques e sua irmã Thereza Adelina Marques proprietarias do Hotel dos Dous Amigos, declaram que d'hoje em diante não pagam conta alguma que lhes seja apresentada, sem que esteja auctorizada por escripto assignado por ellas.

Para as despesas ordinarias teem livros por ellas assignados, com o nome do negociante a quem são destinados; estes livros serão mandados aos negociantes quando mandarem buscar quaesquer generos que não sejam comprados a prompto pagamento, n'elles será lançada a importancia da divida, e só por elles satisfarão as suas contas.

Braga 7 de Fevereiro de 1877.

Joanna Adelaide Marques
 Thereza Adelina Marques. (94)

RELOGIOS A 1\$500 REIS!

Qual será o estabelecimento que não hade ter um relógio por 1\$500 reis?

Vendem-se na Praça d'Alegria em casa de Manoel Ignacio da Silva Braga, regulando PERFEITAMENTE.

AVISO IMPORTANTE

Para os engenheiros, pharmaceuticos, medicos, dentistas, professores e outras pessoas que desejarem obter o diploma de dentor ou de bacharel de uma universidade estrangeira. Dirigir carta registada a Medicus, 13, praça do Rei, Jersey. (Inglaterra.) (31*)

ATTENÇÃO

No Sanctuario do Bom Jesus do Monte mutua-se dinheiro ao Juro de 5% mediante boa hypotheca e fiadores. (81)

Venda de casa

Vende-se a casa da rua do Anjo n.º 11; para tractar na mesma, desde o meio dia até ás 2 horas da tarde. (64)

ALUGA-SE

N'um dos locaes mais pitorescos e saudaveis d'esta cidade, acha-se para alugar uma casa até ao proximo S. Miguel; e bem assim, se vende por preço mui commodo a mobilia e piano existente na mesma e completamente nova, para melhores esclarecimentos queiram-se dirigir á Praça do Barão de S. Martinho, casa Almeida & Pereira. (24)

COLLEGIO INGLEZ

DO

Sagrado Coração de Maria Virgem Immaculada

D. Margarida Heunessy, desejando annuir aos pedidos que as familias e clero mais dedicados á causa de uma verdadeira e completa educação, tanto de Braga como das localidades adjacentes, ha cinco annos se teem dignado fazer-lhe, resolveu abrir uma casa de educação para meninas internas, semi-internas e externas sob a direcção de sua irmã Miss. Theresa Heunessy, tendo obtido para levantar o seu estabelecimento, a bella casa da rua de S. Miguel-o-Anjo, onde morou o ex.º sr. Juiz de Direito, o qual já funciona desde o dia 2 de Fevereiro.

Para esclarecimentos podem dirigir-se a Braga a sr.ª D. Maria Brigida Bersane Perry, Campo da Feira, ao Rev.º João Rebello Cardozo de Menezes, ao Rev.º João Pedro Ferreira Airoza, e a José Maria Dias da Costa, Rua Nova. (17)

INJECCÃO HYGIENICA

BALSAMICO PROPITATICO

Esta injeccão é a unica e efficaz que cura em seis ou oito dias toda a qualidade de purgações tanto antigas como modernas, ainda as mais rebeldes. Vende-se em Braga na pharmacia Alvim, á Porta Nova. Em Coimbra, pharmacia Barata Diniz, rua de S. Bartholomeu.

Deposito principal no Porto na pharmacia Madureira, rua do Triunfo n.º 142, proximo ao Palacio de Crystal.

Preço de cada frasco—400 rs. (4449)

ARTE DE TACHYGRAPHIA

O conhecimento d'esta arte, quasi desconhecida entre nós, é de tal importancia, que não ha individuo, qualquer que seja a sua profissão, que não tenha sentido uma vez e sua falta, e a necessidade de a saber.

O auctor pondo de parte considerações theoricas, que alongariam o compendio em prejuizo da clareza necessaria, tratou de consubstanciar de maneira clara e concisa todos os preceitos da arte e constituir assim um methodo facil e breve pelo qual com mediana applicação qualquer individuo em muito pouco tempo esteja apto para escrever tão depressa como se falla.

O compendio apresenta treze estampas que teem por fim elucidar o texto e guiar o principiante ajudando-o a traçar convenientemente as letras e signaes tachygraphicos.

Vende-se em Braga, rua Nova, n.º 3, e no Porto: preço 300 rs.